

I Encontro de iniciação à prática docente

O ENSINO DE FILOSOFIA: ABRINDO CAMINHOS PARA A DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO

Danilo de Sousa Cezário **
Dr. Manoel Dionizio Neto *

** Extensionista - UACS/CFP/UFCG

* Professor Orientador – UACS/CFP/UFCG

Resumo

Propomos a desconstrução do discurso comum de que a Filosofia não serve para nada, caracterizada como um saber para "loucos", não sendo tomada como uma disciplina curricular importante, tanto por parte dos alunos, quanto por alguns gestores e professores de outras áreas do saber. Por isso, tem se tornando um saber estigmatizado por essa marginalidade, não sendo objeto de estudo obrigatório para os vestibulares e os demais processos seletivos. Através de círculos de leitura, palestras e diálogos em sala de aula com os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, coletamos as impressões dos estudantes sobre a importância da Filosofia para o ensino e o cotidiano, e propusemos oficinas de leitura para que houvesse troca de conhecimentos. Instigamos assim os estudantes a reelaborar a sua concepção de Filosofia como disciplina e a desenvolver seu espírito crítico sobre o mundo.

Palavras chave: Filosofia. Saber para "loucos". Disciplina curricular. Espírito crítico.

1 Introdução

O presente trabalho pretende discutir o ensino de Filosofia nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio, bem como desconstruir os preconceitos existentes sobre a Filosofia. Abordamos este tema, tomando por base nossa prática em sala de aula na disciplina Filosofia. Em virtude de debater e propagar o ensino de Filosofia nas escolas, tanto públicas como privadas, propusemos livros base, para que os objetivos fossem alcançados, desenvolvendo a capacidade de pensar e agir dos estudantes. Com isto, inúmeros questionamentos foram levantados, dentre eles: Por que estudar Filosofia? Qual a importância do Ensino de Filosofia para a construção do espírito crítico? Porque a filosofia é de forma infeliz considerada para "loucos"? Porque não é cobrada de forma direta nos vestibulares ou processos similares? Dentre outros questionamentos.

Partindo dos questionamentos acima apresentamos, somos do entendimento de que, para que haja uma total compreensão destes questionamentos, é necessário que se faça uma abordagem sobre o surgimento da Filosofia e como ela se caracteriza segundo os que procuraram defini-la a partir de sua caracterização, compreendendo-a, antes de tudo, como formadora do espírito crítico do ser humano a começar dos estudantes que se encontram em um processo de formação pessoal e intelectual.

2 A multiplicidade da razão

Partimos aqui do que afirma Olgária Matos ao se referir à Filosofia em sua associação com Sócrates. Segundo ela, os elogios que se endereçam à Filosofia são aqueles que dirigimos a Sócrates, pois, falar dela é falar de Sócrates. Trata-se, pois, do

I Encontro de iniciação à prática docente

patrono da Filosofia e de todos os filósofos que afirmava só saber que nada sabia, consistindo assim a sua sabedoria em conhecer sua própria ignorância. Ele não deixou escrito uma linha sequer e não apontou doutrina alguma.

Sócrates dedicou-se totalmente às atividades filosóficas, ensinando em baixo de árvores, nas ruas, em praças públicas, respondendo a qualquer indagação independente de classe social. Mesmo sendo ele tão sábio e justo, foi criticado e visto como corruptor dos jovens, pelo simples fato de fazer com que os mesmos desenvolvessem o seu espírito crítico.

Reportamo-nos mais uma vez Olgária Matos, ao lembrarmos que Sócrates julgava o exterior a partir do seu interior, ao mesmo tempo em tratava os deuses com invocações sinceras, pois os mesmos estavam em perpétuas lutas, e só se revelavam quando o homem se reconhecesse em sua ignorância.

Bem sabemos que Sócrates nunca procurou novos deuses, mas dava aos deuses novos sentidos e interpretação, colocando em questão a razão da existência deles, abalando assim as convicções mais comuns do seu tempo. Ele foi mal-visto pelos atenienses que não aceitavam seus questionamentos sobre a democracia ali implantada, colocando as leis dessa democracia para a reflexão crítica dos jovens e dos cidadãos de Atenas, à medida contestava, por outro lado, o Governo dos Trinta que pôs fim a esta democracia, caracterizada pelo direito igual de expressão de idéia, bem como pelas regras comuns a todos os cidadãos, independentemente da classe social a que pertencessem.

Sócrates sabia a necessidade do conhecimento de si mesmo, razão pela qual insistia em dizer “conhece-te a ti mesmo”, repetindo assim a máxima de Delfos. Somente isto permitira o ser humano compreender todas as ações e pensamentos estabelecidos, podendo também contestar estes pensamentos e as ações deles provenientes. Então a Filosofia é isto: saber que de modo algum estou certo da resposta, dispondo-me à dúvida constante. Assim, Merleau-Ponty declara que Sócrates era um pensador,

que tinha o dom de abalar as certezas, de introduzir a complicação onde se buscava a simplificação, [...] que ensinava que as verdadeiras questões não se esgotam nas respostas, que elas não provêm unicamente de nós, mas são o indício de nossa freqüentarão do mundo, dos outros e do próprio ser. (Merleau-Ponty apud Matos, p. 16)

3 O estudo da Filosofia

Diante do que já vimos, torna-se mais fácil discutir sobre a importância da Filosofia no ensino. Nós educadores sabemos que não é fácil conduzir uma aula sem que haja o questionamento sobre o tema que é proposto aos alunos; então a Filosofia vem desenvolver as habilidades de raciocínio crítico, sendo a educação conduzida pelo prazer e não pela coação, tornando-se isto indispensável para uma vida proveitosa, necessária ao ser humano, como afirmava Sócrates. Por isso, como educadores, temos uma enorme responsabilidade na formação da consciência crítica da população, pois se temos líderes e eleitores egoístas, são resultados de nossa educação, seja esta a que adquirimos na escola ou na família, de modo que todos nós somos produtos desta educação que muito deixa a desejar ao humano.

Assim, não é preciso ser um filósofo para cultivar o espírito crítico, pelo contrário, este espírito deve ser desenvolvido e cultivado em cada uma de nossas

I Encontro de iniciação à prática docente

instituições: família, escola, igreja e outros. Mas, ao invés disto, nossa educação tradicional nos desaponta com o seu fracasso em produzir pessoas que se aproximem do ideal de racionalidade, habilitando as pessoas para o pensar, ligando a sua capacidade à realidade em que estão inserida, bem como aos ideais que querem realizados. Portanto, o que se quer é a formação do espírito crítico para que qualquer um seja educado para a racionalidade, como habilitação de pensamento e de crítica.

Considerando o aqui exposto, podemos afirmar que, para que se tenha uma educação satisfatória, é necessário que se tenha fluência do pensamento e da fala, sendo, por isso, culto em seu raciocínio. Reivindicamos, pois, a Filosofia para a formação dos jovens, uma vez que, com ela, este raciocínio é mais trabalhando, o que poderá se efetivar com a disciplina Filosofia no Ensino Fundamental e Médio. Por outro lado, temos que ser realistas e considerar o meio em que cada estudante está inserido. Isto por que, dependendo do meio em que os estudantes estejam inseridos, os estudantes serão melhores ou piores em relação a sua postura humana face à Natureza e aos outros, permitindo-nos falar de justiça ou de injustiça nas relações humanas que se estabelecerão entre eles e a sociedade em geral. Ressaltamos aqui a irracionalidade que poderá vir da falta da habilidade necessária ao pensar que adquirimos quando filosofamos. Esta irracionalidade deve ser evitada, para que haja uma melhor qualificação das instituições que tem como principal objetivo o ensinar e o aprender.

A disciplina Filosofia pensada para as faixas etárias em uma ordem necessária, que respeite as idades dos estudantes, de modo que o conteúdo possa ser compatível com as idades em que se inserem os alunos. Por outro lado, diferentemente das outras disciplinas, a Filosofia não age sobre nós somente com o intuito de nos fazer pensar, mas no intuito de nos fazer pensar melhor sobre as coisas, o que significa dizer que ela não é necessária para ensinar a pensar, mas nos habilita para a reflexão e a crítica, pois ela se ocupa com conceitos essencialmente contestáveis que requerem investigações e críticas.

Pelo que dizemos aqui, a Filosofia dá aos seres humanos uma situação de tempo e espaço, tornado-os seres capazes de refletir a respeito das suas escolhas, atuação e do seu mundo. Para a formação crítica do ser humano, a Filosofia se dá por uma desenvoltura que faz questionar em todo o momento as coisas que estão ao seu redor, podendo servir de exemplos os seguintes questionamentos: Pagar impostos é justo? Há algo que move o mundo ou o mundo é algo que move todas as coisas? O que é o mundo? O que são as coisas? Assim também podemos recorrer a Filosofia para questionar a política, a educação e a saúde. Deste modo, a Filosofia torna-se importante para a vida do ser humano em geral, não podendo ele dela prescindir.

Com vistas no que estamos dizendo aqui, o Ensino de Filosofia é necessário desde a infância. Portanto, precisamos pensar na formação do senso crítico que deve começar com as crianças, de forma que elas possam aprender a se disciplinar sem abandonar a sua propensão para as interrogações. Isto requer uma boa estratégia de ensino, de forma que as práticas pedagógicas sejam fundamentadas na Filosofia. É disto que, com outras palavras, nos diz Mathew Lipman (1990, p. 38-39):

O advento da filosofia para crianças [...] deve ser feito sem prejuízo da intensa curiosidade e prontidão para a discussão que as crianças pequenas têm em relação a temas cosmológicos, éticos, epistemológicos e outros temas filosóficos. Isso tem de ser feito de modo a fortalecer em vez de enfraquecer os laços familiares e os entendimentos entre gerações. E tem de ser feito de tal modo que demande o maior profissionalismo possível por parte do professor, que não deve ficar em desacordo com o seu papel educacional (como, por exemplo, brincando de terapeuta).

I Encontro de iniciação à prática docente

Assim as crianças devem expor suas próprias experiências, partindo do já vivido não partindo da Filosofia pura, mas de pequenas histórias e mitos que irá chamar a atenção da criança. Afirma Matthew Lipman,

As crianças podem ser inspiradas por historinhas de heróis e heroínas, mas para elas pensarem por si próprias sobre éticas, elas têm de engajar-se em investigação ética. Isso impõe aprender as ferramentas do ofício; adquirir práticas em ponderar as relações entre os meios e os fins e entre as partes e o todo; acostumar-se a investigar sobre regras e conseqüências; e ter experiência em exemplificar, ilustrar, universalizar, descobrir pressuposições éticas subjacentes e deduzir ou induzir conclusões implícitas. (Lipman, 1990, p. 38-39)

Com este modo de pensar, considerando a necessidade de desenvolver a habilidade para o pensar crítico já na infância, podemos nos reportar ao pensamento de Immanuel Kant. Para este, que viveu bem antes de Lipman, o aluno não deve aprender pensamentos, mas aprender a pensar, não deve ser levado por adestramento, mas guiado pela razão, para que, no futuro, seja capaz de caminhar por si mesmo. Desenvolvido este domínio essencialmente reflexivo, a Filosofia seria como uma espécie de "higiene mental", que permitiria ajudar os alunos a situar-se no espaço e no tempo em que estão inseridos.

4 Desconstruindo o preconceito

Há varias considerações que ferem o ensino de filosofia, sendo elas sustentadas em preconceitos. Assim nós, filósofos, devemos combater esses preconceitos elogiando a Filosofia, de modo que possamos dizer exatamente o contrário daquilo que eles dizem. Para que isso ocorra, precisa-se da ajuda não só dos professores que ministram a disciplina Filosofia, mas também dos alunos, bem como na correta formulação dos programas educacionais na escola como um todo.

Consideramos aqui as pessoas que nunca tiveram contato com a Filosofia, ou que nunca leram livros de filosofia. Elas afirmam severamente que o estudo da mesma não faz sentido algum, sendo "esquisita", "viajante", "chata" e não possuindo utilidade social alguma. Para tirar preconceitos dessa natureza da mente dessas pessoas, pode ser uma missão quase impossível, se considerarmos a solidez da sua formação. Mas a pena tentar. O "remédio" contra tais opiniões falsas, que chegam a atingir o seu grau máximo de ignorância ou estupidez, seria voltar-se para a origem social, pois todo o preconceito surge daí, ou seja, é preciso ir às raízes desses preconceitos. E é expondo as suas raízes que compreendemos por que, pois na maioria das vezes, as pessoas confundem seus preconceitos com suas opiniões.

Há Escolas de Ensino Fundamental e Médio que ainda acham dispensáveis o ensino de Filosofia, pelo simples fato da mesma não ser cobrada nos vestibulares diretamente. Mas, sabemos que ao iniciar uma questão de interpretação que requer o raciocínio lógico e crítico acerca do mundo vivido, esta ligando a filosofia a esta questão, pois a Filosofia abre debates sobre esta forma de pensar.

Trata-se de lembrara aqui que a nossa sociedade é estruturada pela lógica do consumismo, impondo aos indivíduos uma postura mais passiva e menos reflexiva. Assim a utilidade social da Filosofia é justamente a de se contrapor a tal passividade, representando um pedido de paciência e calma nesta contemporaneidade, para que

I Encontro de iniciação à prática docente

sejam questionados os juízos impostos pela sociedade. Desta forma a Filosofia se põe contra não só os preconceitos impostos a ela, mas contra todo e qualquer preconceito, pois estes preconceitos se fundamentam na ignorância que reflete a ausência de crítica.

A educação, como todos nós sabemos, começa na família, passa pela escola e termina no meio sócio-cultural em que o aluno se circunscreve num contínuo processo de socialização. E este processo pode ser desenvolvido juntamente com a desconstrução dos preconceitos fundados na resistência que se cria para não se aproximar do que, de fato, são as coisas, estando entre elas o que verdadeiramente é a Filosofia. Por isso, o que se pretende é dar ao espírito crítico dos estudantes, a capacidade de um contínuo desenvolvimento. Pois, desenvolver os indivíduos é aperfeiçoar a sociedade, porque o caráter da sociedade depende, por sua vez, do desenvolvimento dos indivíduos, que se dará com o desenvolvimento do pensamento crítico, que “abre” suas mentes contra esses preconceitos.

Outro preconceito se formula acerca da Filosofia. Muitos afirmam que a mesma é para “loucos”, pois quem questiona e pergunta muito é louco. Se quem pergunta muito e questiona as coisas é louco, e quem se contenta com tudo pronto e acabado seria o quê: um ser passivo, que não pensa, sem senso crítico? Os questionamentos são de profunda importância para a formação e desenvolvimento do homem, se o patrono dos filósofos e da Filosofia afirmava que nada sabia, que teria que pesquisar e procurar novos horizontes, porque nós nos contentaríamos com inúmeras coisas que nos atormentam?

Inúmeras pessoas afirmam que a filosofia não é importante, porque não aparece no vestibular ou em processos similares. Mas, se a Filosofia desenvolve a capacidade crítica do estudante, ela influencia no entendimento e desenvolvimento das questões, fazendo com que o estudante elabore vários ângulos de raciocínio, podendo, a partir disto, encontrar uma interpretação que o conduza as respostas mais adequadas às questões.

O preconceito generalizado de que a Filosofia não serve para ganhar dinheiro é desenvolvido de forma desonrosa. Primeiramente sabemos que o homem como ser pensante faz filosofia por vocação primeiramente, podendo vir, depois, a questão financeira. Mas o filósofo, se quiser, também consegue “fazer” dinheiro, embora não seja essa a sua essência. Historicamente, temos o exemplo de Tales de Mileto, um dos sete sábios da Grécia antiga e primeiro filósofo, que, em certa ocasião, em um bom ano agrícola, comprou lagares de azeite conseguindo, deste modo, uma boa fortuna, quando os produtores se viram com a necessidade de o procurarem para a colheita do azeite no momento em que todos os lagares se encontravam em sua posse, rendendo, com isso, um bom lucro. Afirmo ainda que muitos filósofos gostariam de ser ricos para poderem dedicar todo o tempo ao estudo e desenvolvimento da Filosofia.

Com vistas no que se diz aqui, não se trata de negar a possibilidade de aquisição de riqueza por parte do filósofo, mas de fazer do saber uma mercadoria. O exemplo disto podemos ver em Sócrates, quando ele se opõe aos sofistas. Ele era contra os sofistas por diversas causas, uma delas, fato dos mesmos venderem o conhecimento, ao cobrar por suas aulas, provando-se aqui que a filosofia seria essencialmente um ato de liberdade, de autonomia, de racionalidade e de vocação, e não um meio de acumulação de riqueza ou mais precisamente um instrumento com qual pudesse se fazer do conhecimento um produto de mercado

Portanto, podemos aqui nos referir à recriação espaço para a Filosofia com a inclusão dela com disciplina obrigatória no Ensino Médio, quando reivindicamos seu lugar também no Ensino Fundamental. Com esta recriação de um espaço para a Filosofia, devemos desconstruir os preconceitos existentes acerca da disciplina,

I Encontro de iniciação à prática docente

provando que ela é realmente útil para a vida dos estudantes e não uma “coisa” para loucos como muitos afirmam.

5 O exercício da Filosofia na sala de aula

Na parte teórica, discute-se como aplicar de forma bem sucedida as formas desenvolvidas de ensino, demonstrando o sentido e o caráter problemático da Filosofia nas escolas, demarcando seus objetivos, seus limites, para que se possa de forma digna e clara justificar a necessidade de uma disciplina que discute e examina questões únicas. Assim, na parte prática, o que se propõe é desenvolver estas alternativas pedagógicas formuladas na teoria, fazendo com que estas práticas pedagógicas nas aulas de Filosofia incentivem o diálogo, pois o diálogo é uma forma de exercitar a reflexão filosófica. A investigação filosófica tem que ter um caráter de diálogo, onde várias opiniões serão expostas, algumas contrárias, desenvolvendo uma problemática para ser trabalhada, isto é, estudada.

Como a filosofia é um diálogo, com o que se procura novas indagações e não respostas exatas, o que se requer são perguntas sem necessariamente precisar de respostas imediatas ou definitivas. Este diálogo requer dos alunos paciência para que escutem os colegas e o professor, deixando de lado os julgamentos, para que haja um questionamento intenso, sem expor alguma regra ou verdade, como o exposto a seguir:

O diálogo gera-se, constrói-se e cresce na intertroca, mas não necessita “fechar-se”, chegar a uma conclusão ou a resposta com a qual todos concordam: no diálogo explicitam-se as diferenças, mas não se aponta para a sua dissolução, superação ou para deixá-las de lado, porque o que se privilegia é a tensão que o pensamento gera, com o próprio eu e com os outros. (WAKSMAN, 2005, p. 180)

Assim esses diálogos desenvolvem o ato de pensar, de ouvir, de interagir, permitindo um bom entendimento a todos a respeito dos assuntos que foram indagados, havendo uma aprendizagem sem memorizar ou decorar as conclusões.

As oficinas de leitura motivarão os alunos para um aprofundamento do conteúdo, onde as notas serão determinadas através do desempenho de cada aluno. Para que sejam atrativas, as aulas devem utilizar inúmeros recursos didáticos, não deixando a aula somente expositiva. Assim, sem querer negar a validade das aulas expositivas quando elas se fazem necessárias, precisamos considerar a necessidade de se tratar de uma disciplina que já vem com um grande preconceito, exigindo, por isso, de uma inovação no modo de conduzir as aulas, de possamos levar alunos a quebrar estes tabus.

Os recursos que podem ser utilizados em sala de aula podem ser inúmeros desde os audiovisuais até os recursos gráficos. A utilização de DVD's na sala de aula na apresentação de filmes ou documentários contribui para o entendimento do conteúdo e o desenvolvimento dos alunos. Elencando sempre as idéias dos filmes ou documentários com as teorias filosóficas. Apresentar uma síntese do conteúdo antes da exposição do filme servirá para que os alunos assistam ao filme compreendendo-o.

O uso de músicas em sala de aula é bem comum, devendo seguir uma análise técnica da música para conhecer os autores, a gravadora, a cidade onde foram produzidos, os pais, e qual foi a verdadeira intenção do músico ao produzi-la.

O uso de fotografias, jornais e revistas, devem ser escolhido de forma que o material seja apreciado por todos os alunos. Nos jornais e revistas as matérias ou reportagens são de diferentes tipos, levando o alunado à reflexão e ao entendimento. Além disso, um bom planejamento é de fundamental importância para o

I Encontro de iniciação à prática docente

desenvolvimento do trabalho do professor. Cabe ao professor acatar sugestões e desenrolar as discussões.

6 Conclusão

A filosofia transforma a vida das pessoas, possibilitando uma vida mais plena. Devendo ter um lugar de privilégio na vida humana, pois possibilita o desenvolvimento da racionalidade, e o desenvolvimento do espírito, levando o estudante a uma reflexão profunda.

O principal objetivo da filosofia é a totalidade das coisas, desde o resgate das raízes até as causas finais. Assim, a Filosofia torna-se um ponto de partida para as inúmeras reflexões, esclarecendo os obscuros horizontes.

Nos educadores temos o papel de recolocar nas escolas a Filosofia, dar o papel que ela realmente merece, pois este ambiente é o mais propício hoje para os debates e os questionamentos. Ajudando os alunos a refletirem sobre os valores e questionamentos impostos a eles.

7 Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. O que é filosofia? In: **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986. 396 p.

_____. **Temas de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

GALLO, Silvio. KOHAN, Walter Omar. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis-R.J.: Vozes, 2000.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. Tradução por Maria Elice de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

MATOS, Olgária. Introdução: Filosofia, para quê? In: _____. **Filosofia a polifonia da razão**: filosofia e educação. São Paulo: Scipione, 1997. p. 13-20.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para Jovens: Uma Iniciação à filosofia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

WAKSMAN, Vera. Da Tensão do pensar: sentidos da filosofia com crianças. In: KORAN, Walter. **Ensino de filosofia** (org.) Belo Horizonte: Autentica, 2005. p.171-180.